

FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES E BIBLIOTECA ESCOLAR: COMO SELAR ESTA UNIÃO?¹

Josefa Pollyanne Lafayette da COSTA²

Resumo: O fato de os alunos não gostarem de ler é algo que inquieta professores de diversas áreas, tornando-se cada vez mais comum ouvir-se a frase: “Eu não gosto de ler, professora”. Nesse sentido, essa pesquisa se justifica pela observação, na escola *lócus* desse trabalho, de que os alunos que iniciam os estudos em outra unidade de ensino desconhecem, no atual ambiente escolar, a existência de uma biblioteca, e, principalmente, que os alunos “da casa” não frequentam esse espaço de leitura. Com o intuito de mudar esta situação e estimular os alunos à leitura, esta pesquisadora, promoveu na biblioteca escolar da instituição da qual faz parte, uma “pequena revolução de livros”. A partir da reorganização do espaço - colocando mobiliário e iluminação adequada; e da atualização e reestruturação do acervo, percebeu-se uma mudança de postura por parte dos alunos. A frequência e a permanência dos estudantes na biblioteca aumentaram, o empréstimo de livros cresceu enormemente e o espaço de leitura tornou-se um dos mais concorridos da escola. A experiência tem mostrado que o que leva um não leitor a tornar-se leitor é, além dos livros, um ambiente propício e a orientação no direcionamento para a escolha do que ler. A pesquisa tem como base os pressupostos de Geraldi (2003), Antunes (2002), Koch (2013), PCNs – Ensino Médio (BRASIL, 2000), Kleiman (2005), Bakhtin (2010), Marcuschi (2008), Matêncio (2006) entre outros.

Palavras-chave: Biblioteca; Alunos; Leitura.

Introdução

Experiências leitoras no ambiente escolar e, em especial a partir da biblioteca escolar, não são tão comuns quanto gostaríamos. Por uma só voz, professores de disciplinas distintas reclamam que seus alunos não gostam de ler e os professores de língua portuguesa lamentam o fato, buscando justificativas para explicar: não leem porque são preguiçosos, desinteressados,

¹ Este texto encontra-se publicado nos anais do V Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC) e do XI Seminário de Iniciação à Docência, realizados na UFRN, em dezembro de 2014.

² Graduação em Letras- Português/Inglês, Especialização em Língua Portuguesa, Mestranda do Proletras. Professora da rede pública estadual de Alagoas em Palmeira dos Índios. Email: pollyannelafayette@hotmail.com.

<http://www.maceio.al.gov.br/semec/saberes-docentes-em-acao/>

não tem estímulo, porque não viveram a experiência no ensino fundamental, não veem isso em casa... a lista é praticamente infindável.

As justificativas são várias, porém, o que fazer? Partindo da premissa de que a escola é responsável por apresentar aos alunos, desde a infância, o mundo das palavras e, com isso, experiências de leitura, surgem os questionamentos sobre o que se tem feito para, efetivamente, ampliar os horizontes e envolver os alunos na dinâmica da leitura. Diariamente, no trabalho em escolas do ensino fundamental e médio é possível comprovar como o hábito de ler é escasso, o desânimo e a falta de foco em atividades de leitura são visíveis e o uso do celular, com interação instantânea, tem mudado hábitos. Considerando que “a participação social e o exercício da cidadania estão diretamente vinculados à prática e uso da leitura” (ANTUNES, 2002, p.26), buscamos, então, promover uma aproximação e uso do acervo existente na biblioteca escolar pelos alunos do ensino médio.

Reafirmando e vivenciando, na prática, as palavras de Silva (1998, p.17) quando, apresentando a sua opinião a respeito de como realizar algo na área da educação, diz que “(...) uma revolução pedagógica na área de leitura (ou em qualquer outra área) não advém do discurso vazio, mas principalmente da ação consciente dos agentes sociais junto às novas gerações (...)”; esta pesquisadora realizou uma “pequena revolução de livros”, buscando dinamizar os espaços de leitura na escola e na biblioteca da escola onde exerce sua função de professora.

Contando com a ajuda de voluntários, alunos leitores ou não, demos início à mudança no ambiente antes considerado “depósito de livros”, transformando-o, verdadeiramente, em espaço propício à leitura. Com intuito de atrair a atenção dos alunos e buscando novos leitores, houve sensibilização em toda a comunidade escolar, principalmente entre alunos, professores e funcionários. A partir dessas atitudes, houve uma transformação visível no espaço e na visão dos alunos, agora leitores assíduos da biblioteca.

Leitura e formação do leitor

Partilhamos a definição de leitura no falar popular e reafirmada por Cagliari (1993, p.150), quando coloca “há um dito popular que diz que a leitura é o alimento da alma. Nada mais verdadeiro. As pessoas que não leem são vazias ou subnutridas de conhecimento.” Não encontraríamos explicação melhor para nos referirmos à leitura e então nos vem a pergunta: por que negar ou esconder o alimento a quem não tem o que comer? O alimento que os nossos jovens tem encontrado de graça tem deixado o estômago - e a cabeça - vazios.

Durante a educação básica, são doze, treze, catorze anos vividos dentro da escola, lendo e escrevendo todos os dias e, mesmo assim, muitos alunos não adquirem o gosto pela leitura. Vê-se, então, que algo não vai bem, compartilhando o que afirma Antunes (2002, p.27), “a escola ensina a ler, mas, geralmente, não ensina a gostar de ler”. Atividades sem objetivo, tendo a leitura como pretexto, não têm contribuído para o envolvimento dos alunos. Sobre essa problemática, recorreremos à definição de leitura de Antunes (2003, p.70) “a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da língua”. Ainda segundo a mesma autora,

A atividade de leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral.

Na escola, a leitura dá-se de maneira corriqueira, em diferentes disciplinas, como atividade na busca de informações, em exercícios de leitura e interpretação textual, para posterior resposta a questões definidas; pela imposição e cobrança através de fichas de leituras, provas e similares, tornando o ato de ler “um martírio para o aluno” (GERALDI, 2003, p.61). O que traz inquietação é saber que mais tarde grande parte desses alunos se

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

distanciará da leitura, visto que, não adquirindo o hábito na escola e não vivenciando práticas leitoras em seus lares, as chances desta descoberta vir depois, na fase adulta, são raras.

Para alguns, o contato com o livro e com o texto literário só será possível no ambiente escolar e, a partir deste contato, a vivência poderá prolongar-se pela vida adulta. Cabe ao professor oferecer oportunidades de contato com livros diversificados, temáticas várias, possibilitando a escolha do que o aluno deseja ler. A leitura se efetiva quando aquilo que é lido tem significado para o sujeito leitor; logo, como aponta Antunes (2002, p.19) “do convívio com a leitura, com o livro, com novas ideias é que surge o leitor crítico, criativo, independente”.

Nessa perspectiva, Cagliari (1993, p.150) nos apresenta um futuro bem visível nos dados estatísticos sobre alfabetização e leitura “(...) a escola que não lê muito para os seus alunos e não lhes dá a chance de ler muito está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer para os seus alunos”. Para que a leitura seja um hábito e a compreensão das leituras realizadas seja real, é essencial a leitura na escola, ainda como afirma Marcuschi (2008, p.230) “compreender exige habilidade, interação e trabalho”. Se o aluno não vê a leitura de forma positiva, dificilmente quer “perder seu tempo” lendo um texto mais de uma vez tentando compreendê-lo.

Quando lemos, assumimos uma postura ante o texto. De acordo com Geraldi (2003, p.92), podemos ter “(...) a leitura – busca de informação, a leitura – estudo do texto, a leitura do texto – pretexto, a leitura – fruição do texto.” De acordo com Koch (2013) a interação entre o leitor e o texto também é regulada pela intenção que temos ao ler o texto, são os *objetivos da leitura*. Eles nortearão o modo como a leitura será realizada: em mais ou menos tempo, com mais ou com menos atenção, com maior ou menor interação.

A leitura sempre tem o intuito de buscar informações, na escola ou fora dela (por exemplo, na leitura de uma bula de remédio, uma notícia em um jornal da cidade ou, ainda, para saber como andam as pesquisas sobre a política). A leitura e estudo do texto é antiga conhecida na escola, visto que são

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

atividades recorrentes nas aulas de português; da mesma forma, a leitura do texto, como pretexto para estudo de escolas literárias ou de gramática, está presente nas aulas de língua portuguesa e, também, nos livros didáticos.

A leitura objeto de estudo deste trabalho é a leitura para fruição do texto, ler por prazer, sem a obrigação de, em seguida, escrever algumas páginas sobre o que leu ou elaborar uma ficha de leitura. Move-nos despertar no aluno, a partir do contato com os livros, um estreitamento de relações. Um prender-se a um livro e a outro e, em seguida, mais outro, estabelecendo um ciclo de leituras que fará o aluno amadurecer, conhecer um pouco mais a língua e, principalmente, ter experiências leitoras marcantes na sua caminhada dentro e fora da escola.

Salientam-se nesse sentido, as palavras de Silva (1998, p.30), ao destacar que “dentro de um clima não arbitrário, estaremos fazendo com que o gosto pela leitura realmente se concretize”. Em síntese, sob essa lógica, recorreremos aos dizeres do mesmo autor sobre como surge o leitor. É

257

‘(...) na recuperação do estatuto de liberdade e de prazer a leitura’ e para que se realize de fato (concorrerá para isso um despojamento dos professores no que tange às formas tradicionais de encaminhar a leitura junto aos seus alunos bem como à conquista de condições para que a leitura ocorra menos artificialmente nas salas de leituras e nas bibliotecas).

Partindo da reflexão acima, percebemos o que faltado na escola e nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura: leitura por fruição, prazer por degustar a leitura de um texto interessante, leitura por diversão. Para ilustrar o que foi dito anteriormente, Antunes (2003, p.71) sintetiza:

A leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, ao pelo simples gosto de ler. Para admirar. Para deleitar-se com as ideias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança, sem a preocupação de qualquer prestação de contas posterior. Apenas sentindo e, muitas vezes, dizendo: ‘Que coisa bonita!’

O que a escola tem oferecido aos estudantes? Recuperando os dizeres de Silva (1992, p.10), “afinal, leitura ou “lei-dura”?”.

A biblioteca no âmbito da escola

É, ainda, privilégio de poucas instituições escolares possuírem uma biblioteca escolar. Algumas instituições de ensino improvisam sala de leitura, outras criam o cantinho de leitura nas próprias salas de aula, buscando envolver os alunos e dar-lhes a oportunidade de convivência com livros.

Dados do Censo Escolar de 2013 (Todos pela Educação) dão conta de que apenas 35% dos 190 mil colégios do país dispõem desse espaço, contrariando uma lei aprovada em 2010, que torna obrigatória a presença de uma biblioteca em cada instituição de ensino, dentro de um prazo de dez anos. Como definição do que é uma biblioteca escolar, recorreu-se a Antunes (2002, p.17-18):

Biblioteca escolar localiza-se em escolas e é organizada para se integrar com sala de aula no desenvolvimento do currículo escolar, do planejamento e de todas as ações que se desenvolvem na escola. Além disso, a biblioteca escolar tem como objetivo despertar a criança para a leitura, desenvolvendo nela o prazer de ler, podendo servir, também, como suporte para a comunidade em suas necessidades de informação.

Vemos, dessa forma, a biblioteca como aliada do professor e do ensino na escola, auxiliando a construção de projetos, oferecendo e disponibilizando material de apoio para fundamentação e pesquisa, direcionando leituras e, por conseguinte, no compartilhamento de saberes. No Manifesto da UNESCO (1999) sobre as bibliotecas escolares, colocam-se as seguintes condições para sua existência e função dentro da escola:

- A biblioteca escolar disponibiliza serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitem a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação...
- A biblioteca escolar é essencial a qualquer estratégia de longo prazo nos domínios da literacia, educação, informação e desenvolvimento econômico, social e cultural...
- A biblioteca escolar é um parceiro essencial das redes local, regional e nacional de bibliotecas e de informação...

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

- A biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais/ PCNs, que visam direcionar as propostas curriculares das escolas de ensino fundamental e médio do país, entendem que a biblioteca escolar é “(...) a primeira das condições favoráveis para a formação de bons leitores, ao lado do acervo de classe e das atividades de leitura” (BRASIL, 1997, p. 58). Porém, numa visita rápida a algumas instituições de ensino ou em conversas com colegas de outras escolas, comprovamos o que se sabe: uma coisa é o que preconiza a lei, o que se quer, outra coisa é o que se tem na realidade. As bibliotecas escolares existentes hoje não estão no patamar das condições que se almejam para estes locais, pelo contrário, estão completamente aquém.

Por outro lado, vê-se que a existência de uma biblioteca no ambiente escolar não garante, necessariamente, seu uso. É comum haver, em algumas escolas, espaços onde os livros são expostos em prateleiras empoeiradas, sem pessoal capacitado para oferecer ajuda a um visitante inexperiente ou mesmo aos mais experientes. Há casos também de livros encaixotados, guardados a “sete chaves” ou mesmo “entulhados” com outros materiais sem uso nas escolas, diferentemente do que se pretende: espaços propícios à leitura, à descoberta e ao estudo. Lugar onde o aluno tenha desejo de entrar, passear com os olhos pelas prateleiras, buscando um título ou uma capa que lhe chame a atenção delongar-se entre uma aula vaga e outra, deliciando-se numa leitura despreziosa.

Ora, para que se alcance o objetivo de uso efetivo da biblioteca na escola e da leitura nesse ambiente, aponta Antunes (2002, p.29) que:

A biblioteca escolar precisa ofertar ao pequeno leitor, e também ao jovem e ao adulto, os materiais de leitura de que necessitam para sua formação, instrução e diversão. Só assim a leitura terá chances de fazer parte da vida das pessoas, se constituindo numa necessidade a ser satisfeita.

Para cumprir com esses objetivos, estar à frente da biblioteca precisa ser um trabalho participativo, de interação, envolvimento, divulgação e leituras

<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>

diversificadas, não é um trabalho meramente administrativo, mas docente. É uma incoerência trabalhar num local e não conhecer o que ele oferece. Infelizmente não tem sido esta a realidade de escolas públicas municipais e estaduais. Não há concurso específico para o cargo de bibliotecário, limitando à função de “bibliotecários” os professores, perto da aposentadoria ou afastados de suas funções por motivo de doença; além disso, outros funcionários - merendeiras, auxiliares de serviços diversos - na mesma condição, assumem o cargo, motivo que tem causado acomodação e até descaso, visto que não são todos os profissionais que costumam ler e gostam de fazê-lo.

Em síntese, sob essa lógica, reafirmamos o que diz Silva (1998, p.95):

a formação do gosto pela leitura depende do conjunto de interações, do circuito educativo em torno dos livros, sendo que todas as pessoas envolvidas no processo (incluindo bibliotecários, professores, pais, etc...) precisam conhecer referenciais pretendidos pelas obras, precisam sentir a beleza da palavra literária, precisam viver – na prática – o prazer da leitura.”

260

Uma experiência de incentivo à leitura

Dispor de um ambiente cheio de livros não é o suficiente para envolver os estudantes - adolescentes jovens e adultos - num ambiente de leitura, é necessário muito mais. A experiência vivida numa escola pública, situada na cidade de Palmeira dos Índios – AL, mostra que é possível mudar posturas e agir com o objetivo de trazer para os alunos uma vivência através do ato de ler.

Iniciado o ano letivo e com a percepção de que, mês após mês, o número de alunos visitantes da biblioteca escolar era escasso, além de comprovar que os alunos novatos não viam a biblioteca como espaço escolar e que, os “veteranos” também não buscavam esse espaço nem o acervo para consultas e empréstimos, pareceu-nos, então, propício realizar uma intervenção, objetivando mudar essa realidade. Para cumprir com esse objetivo, partilhamos da reflexão de Antunes (2002, p.13), “revitalizar a biblioteca é a estratégia fundamental para qualificação do ensino, a formação

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

do leitor, usuário de biblioteca e da informação na escola e por toda vida.” Com o envolvimento de alunos e funcionários da biblioteca, começamos a mudança.

A primeira atitude deu-se em relação ao espaço físico e a sua organização. A mudança começou a tornar-se perceptível ao abrirmos mão de tempo e recorrermos a alunos voluntários. Com a redefinição do espaço - muito pequeno, diga-se de passagem -, retirando centenas de livros didáticos acumulados ao longo dos anos e que limitavam até mesmo a permanência dos estudantes no local, apareceram, sob os livros retirados, mesinhas que ali estavam desde sempre, só que com a função de aparador. O conserto das lâmpadas reavivou o espaço, antes mal iluminado e impróprio para a leitura.

Em seguida iniciamos a reorganização e reestruturação do acervo, retirando livros ultrapassados, com informações desatualizadas ou muito danificados, e integrando ao acervo novidades há meses encaixotadas; incluímos também doações – dos alunos, professores e comunidade – realizadas numa mobilização promovida pela escola. A vivência desse trabalho proporcionou momentos de muita alegria por percebermos a riqueza que havia na biblioteca e não era utilizada.

Importante frisar o quanto a troca de experiências e de conversas entre os alunos, que foram se achegando à biblioteca escolar, aproximou outros que nunca haviam lido livro algum ou mesmo entrado na biblioteca. Percebemos que alguns alunos não entravam na biblioteca por inibição e por desconhecimento do acervo existente, achando que só havia ali livros velhos e desatualizados, uma leitura “chata”. Foi uma barreira transposta apresentar o acervo atraente para conquistar novos leitores.

Acreditamos nas palavras de Geraldi (2003, p.13), quando afirma sobre que o necessário para incentivar a leitura nos espaços escolares é “recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio – o prazer – me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura”. Não é possível envolver alguém quando não se está envolvido; só se desperta outra forma de ver as coisas quando, primeiramente, acredita-se no que se faz e enxerga de outra forma as barreiras.

<http://www.maceio.al.gov.br/semmed/saberes-docentes-em-acao/>

Uma maneira de estimular a leitura e o contato com os livros é deixando os alunos livres, lendo por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título do livro, etc. É fato: “ler envolve mais do que aprender – a leitura é um prazer para os sentidos e abstração do mundo dos sentidos; é experiência única e individual, evento social e coletivo.” Kleiman (2005, p.8). A troca de experiências leitoras entre os alunos pareceu-nos incentivadora, aqueles mais experientes mostrando-se sempre solícitos, oferecendo títulos já conhecidos aos que nunca haviam lido e queriam começar.

Parece-nos ainda importante frisar, até pela vivência leitora e pela experiência, para gostar de ler nem sempre o primeiro livro foi um clássico, ainda como nos faz refletir Geraldi (2003, p.98), “Nessa caminhada (da leitura) é importante considerar que o enredo enreda o leitor”, ou seja, o texto, o assunto, a história, as personagens de um livro é que prendem, cativam e envolvem o leitor de tal forma que este, a partir de uma experiência bem sucedida com o livro, buscará novas leituras que despertem o mesmo sentimento da primeira.

Pensando assim, percebemos claramente quando direcionamos determinados títulos a um leitor inexperiente, frustrado com leituras anteriores ou a um não leitor. Oferecendo títulos certos, capazes de enredar o leitor, na devolução do livro o depoimento chega diferente “Amei o livro, quero outro”; e assim segue-se uma caminhada iniciada com auxílio de outrem, mas que em algum tempo prosseguirá com mais independência. Neste sentido, a cobrança não acontece, diferentemente do que é comum quando se propõe a leitura de um título pelo professor de português ou literatura.

A participação dos alunos do curso de Letras na escola deu-se através de sequências didáticas com escrita e retextualização de diferentes gêneros textuais, recorrendo às ideias defendidas por Matêncio (2008). Conforme Bakhtin, “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero do discurso e é através de gêneros que nos comunicamos” (2010, 282), percebemos, portanto, a necessidade do nosso aluno dominar a estrutura de diferentes gêneros para melhor se comunicar. Esta é uma função

da escola: preparar o aluno para ler e produzir textos com autonomia e competência.

Conclusão

A transformação na biblioteca da Escola Estadual Graciliano Ramos estendeu-se e mudou também a cabeça dos alunos. O espaço atraente e a conversa na conquista de visitantes foram decisivos para o sucesso e ampliação do número de leitores frequentando a biblioteca. Confirmamos, então, o que se esperava: aumento no número de visitas e permanência na biblioteca, crescimento de empréstimos de livros e divulgação entre os próprios alunos, extrapolando, inclusive, os limites da escola com a procura de ex-alunos e alunos da universidade para utilização do acervo.

Desde então, muita coisa mudou no espaço designado “biblioteca escolar”. Vê-se um entra e sai de alunos e funcionários que buscam uma leitura descompromissada ou busca de informação, como também encontrando um ambiente agradável para permanecer na escola mesmo quando as aulas acabam.

Utilizando, ainda, as palavras de Marcuschi (2008, p. 228), podemos concluir que a nossa percepção “é, em boa medida, guiada e ativada pelo nosso sistema sociocultural internalizado ao longo da vida”, ou seja, são as nossas vivências, experiências e leituras que nos fazem compreender tudo à nossa volta.

Alegra-nos bastante saber que pequenos gestos podem ser fundamentais na definição de hábitos e na descoberta de prazeres antes desconhecidos. O estímulo à leitura na escola não se limita à sala de aula. Outras situações propiciam o incentivo às primeiras experiências. O desejo é que, dando continuidade na caminhada leitora, esses alunos aprofundem o conhecimento, amadureçam as leituras e tornem-se leitores atentos – de livros e de tudo que está ao seu redor.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Walda de Andrade. **Biblioteca Escolar** – Curso de atualização para professores; manual / Walda de Andrade Antunes. São Paulo: Global, 2002.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso** - Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRASIL. Ministério de educação. Secretaria de ensino fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**/ Luiz Carlos Cagliari. 6 ed. – São Paulo: Scipione, 1993.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula** / João Wanderley Geraldi (org.) – 3 ed. 7ª reimpr. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas (S.P.): Pontes, 2005.
- MANIFESTO UNESCO/ Ifla sobre **A biblioteca escolar**. Disponível no site: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/sistema-estadual-de-bibliotecas-publicas/leiturasrecomendadas/BIBLIOTECAS%20ESCOLARES%20MANIFESTO%20DA%20IFLA.pdf>. Acessado em: 27/10/2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**/ Ezequiel Theodoro da Silva. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- _____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**/ Ezequiel Theodoro da Silva. 6 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>

TODOS PELA EDUCAÇÃO / Levantamento sobre déficit de bibliotecas em escolas no Brasil - Dados por município. Disponível no site:

<http://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1473/levantamento-sobre-deficit-de-bibliotecas-em-escolas-no-brasil---dados-por-municipio/>. Acessado em 30/10/2014.